

DOCUMENTOS DO
PAPA FRANCISCO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Francisco, Papa, 1936-2025

Documentos do Papa Francisco / Papa Francisco. – São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Documentos da Igreja)

ISBN 978-85-349-5806-6 (simples)

ISBN 978-85-349-5946-9 (capa dura)

1. Igreja católica - Documentos oficiais 2. Encíclicas papais 3. Papado I. Título II. Série

25-3469

CDD 262.91

Índice para catálogo sistemático:
1. Igreja católica - Documentos oficiais

Coleção DOCUMENTOS DA IGREJA

- *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II – 1962-1965*
- *Encíclicas de João Paulo II – 1978-2005*
- *Documentos de Paulo VI – 1963-1978*
- *Documentos de Pio X e Bento XV – 1903-1922*
- *Documentos do CELAM: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida*
- *Documentos sobre a Bíblia e sua interpretação – 1893-1993*
- *Documentos de Leão XIII – 1878-1903*
- *Documentos de João Paulo I e encíclicas de João Paulo II*
- *Documentos sobre a música litúrgica – 1903-2003*
- *Encíclicas de Bento XVI – 2005-2013*
- *Documentos do Papa Francisco – 2013-2025*

DOCUMENTOS DO PAPA FRANCISCO



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

©Amministrazione del Patrimonio della Santa Sede Apostolica

©Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2025

Tradução: ©Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme,

Tatianne Francisquetti, Darlei Zanon

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5806-6 (simples)

ISBN 978-85-349-5946-9 (capa dura)

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	7
EXORTAÇÕES APOSTÓLICAS.....	13
– Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual	15
– Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Amoris Laetitia</i> – Sobre o amor na família	165
– Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i> – Sobre o chamado à santidade no mundo atual	343
– Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Christus Vivit</i>	413
– Exortação Apostólica pós-sinodal <i>Querida Amazônia</i>	521
– Exortação Apostólica <i>Laudate Deum</i> – Sobre a crise climática.....	573
ENCÍCLICAS	605
– Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> – Sobre a fé.....	607
– Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> – Sobre o cuidado da casa comum	661
– Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> – Sobre a fraternidade e a amizade social	789
– Carta Encíclica <i>Dilexit Nos</i> – Sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus	923

OUTROS DOCUMENTOS	1025
– Carta Apostólica sob forma de <i>motu proprio</i> <i>Mitis Iudex Dominus Iesus</i> – Sobre a reforma do processo canônico para as causas de declaração de nulidade do matrimônio	1027
– Carta Apostólica em forma de <i>motu proprio</i> sobre a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis	1047
– Carta Apostólica sob forma de <i>motu proprio</i> <i>Antiquum Ministerium</i> – Pela qual se institui o ministério de catequista	1067
– Carta Apostólica sob forma de <i>motu proprio</i> <i>Traditionis Custodes</i> – Sobre o uso da Liturgia Romana anterior à Reforma de 1970	1077
– Carta Apostólica <i>Desiderio Desideravi</i> – Sobre a formação litúrgica do povo de Deus	1091
– Carta Apostólica sob forma de <i>motu proprio</i> <i>Vos Estis Lux Mundi</i>	1125
– Constituição Apostólica <i>Episcopalis Communio</i> – Sobre o Sínodo dos Bispos	1141
– Constituição Apostólica <i>Prædicare Evangelium</i> – Sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo	1169
– Documento Sinodal assumido como magisterial pelo papa: Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão – Documento Final – Sínodo 2021-2024	1267
LISTA DE SIGLAS	1361

APRESENTAÇÃO

A presente coleção de DOCUMENTOS DA IGREJA reúne o que há de mais durável em termos de documentação oficial da Igreja católica ao longo do tempo.

O propósito desta coleção é reunir as encíclicas, exortações e cartas apostólicas e os documentos oficiais da Igreja católica mais expressivos desses últimos séculos.

Isso é feito reunindo textos já publicados, de modo disperso, em língua portuguesa ou ainda não publicados.

O Concílio Ecumênico Vaticano II recomenda que o estudo da Sagrada Escritura seja a alma de toda a teologia (cf. OT 16). A recuperação desses textos oficiais do Magistério da Igreja é um incentivo a mais para ir à fonte da Palavra.

O objetivo desta coleção não é cristalizar reflexões feitas no passado, mas, no espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II, possibilitar ao leitor(a) de língua portuguesa o contato direto com as fontes oficiais da Tradição desses últimos séculos, para, com essa bagagem, responder adequadamente aos “sinais dos tempos”, uma vez que esse é um dever permanente da Igreja (cf. GS 4).

Além disso, no contexto latino-americano, ressoa sempre mais forte o apelo: “As alegrias e esperanças, tristezas e angústias do ser humano de hoje, especialmente dos pobres e dos que sofrem, são as alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo e nada há de genuinamente humano que não encontre eco em seu coração” (GS 1).

Esse apelo foi amplificado nos grandes encontros do Episcopado da América Latina e do Caribe em Medellín, Puebla (nn. 31-39) e Santo Domingo (n. 178).

Alcançamos cinco décadas da realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Tempo suficiente para tomar certa distância e verificar o que o Concílio projetou e conseguiu realizar. Ao ingressar no novo milênio, o terceiro da era cristã, é preciso firmar as bases em terreno sólido. O Vaticano II e os documentos oficiais do Magistério eclesial são expressivas garantias disso. Dessas fontes é possível haurir a água que sacia a sede do ser humano de nosso tempo.

É esse o objetivo da PAULUS Editora ao oferecer ao público de língua portuguesa a coleção DOCUMENTOS DA IGREJA.

A Editora



PAPA FRANCISCO (Jorge Mario Bergoglio) nasceu em 17 de dezembro de 1936. Foi o 266º sucessor de Pedro, eleito em 13 de março de 2013. Foi ordenado presbítero da Companhia de Jesus em 13 de dezembro de 1969, em Buenos Aires. Em 20 de maio de 1992 foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires; sua ordenação episcopal se deu em 27 de junho daquele ano. Em 3 de junho de 1997, foi nomeado arcebispo coadjutor de Buenos Aires e em 28 de fevereiro de 1998 tornou-se arcebispo metropolitano de Buenos Aires. Foi nomeado cardeal no Consistório Ordinário Público de 21 de fevereiro de 2000. Seu ministério sacerdotal, episcopal e pontifício foi marcado pela simplicidade, humildade e espontaneidade; foi amigo e defensor dos empobrecidos, dos marginalizados, dos refugiados, dos imigrantes, de todos os descartados pela “globalização da indiferença”, como ele dizia. Soube dialogar com a sociedade contemporânea e sua voz se fez ouvir, através de seus gestos de profundo significado, não apenas por católicos, mas por todas as pessoas de boa vontade. Papa Francisco foi chamado à Casa do Pai na manhã de segunda-feira da Oitava da Páscoa, dia 21 de abril de 2025, tendo governado a Igreja de Cristo por 12 anos. Na véspera de seu falecimento, domingo de Páscoa, fez uma última aparição pública na praça São Pedro, por ocasião da proclamação de sua mensagem *Urbi et Orbi*, quando desejou a todos nós, seus “irmãos e irmãs”, uma boa Páscoa.

EXORTAÇÕES APOSTÓLICAS

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
EVANGELII GAUDIUM

EVANGELII GAUDIUM

A ALEGRIA DO EVANGELHO

Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual

1. A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos, a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria, além de indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.

I. Alegria que se renova e comunica

2. O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Esse é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas e sem vida. Essa não é a escolha de uma vida digna e plena, esse não é o desígnio que Deus tem para nós, nem essa é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

3. Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal

com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele e de procurá-lo dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que esse convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”.¹ Quem arrisca, o Senhor não desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha Aliança convosco. Preciso de vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores”. Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar “setenta vezes sete” (Mt 18,22) nos dá o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a nos carregar em seus ombros. Ninguém pode nos tirar a dignidade que esse amor infinito e inabalável nos confere. Ele nos permite levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e que sempre pode nos restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!

4. Os livros do Antigo Testamento preanunciaram a alegria da salvação, que havia de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos. O profeta Isaías dirige-se ao Messias esperado, saudando-o com regozijo: “Multiplicaste sua alegria, redobriste sua felicidade” (9,2). E anima os habitantes de Sião a recebê-lo com cânticos: “Grita de alegria” (12,6). A quem já o avistara no horizonte, o profeta convida a tornar-se mensageiro para os outros: “Sobe a uma alta montanha, Mensageira Sião, levanta com força tua voz, Mensageira Jerusalém” (40,9). A criação inteira participa nesta alegria da salvação: “Dá louvores, ó céu! Fica feliz, ó terra! Montanhas, soltai gritos de louvor, pois o

¹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Gaudete in Domino* (9 de maio de 1975), n. 22: AAS 67 (1975), 297.

Senhor vem consolar seu povo, mostrar ternura para com seus pobres” (49,13). Zacarias, vendo o dia do Senhor, convida a vitoriar o Rei que chega “humilde, montado num jumento”: “Dança de alegria, filha de Sião, dá vivas, filha de Jerusalém, pois agora o teu rei está chegando, justo e vitorioso” (9,9). Mas o convite mais tocante talvez seja o do profeta Sofonias, que nos mostra o próprio Deus como um centro irradiante de festa e de alegria, que quer comunicar ao seu povo esse júbilo salvífico. Enche-me de vida releia este texto: “O Senhor, teu Deus está a teu lado como valente libertador! Por tua causa ele está contente e alegre, apaixonado de amor por ti, por tua causa está saltando de alegria” (3,17). É a alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida cotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: “Filho, se tens posse, faze o bem a ti mesmo [...]. Não te prives do bem de um dia” (Eclo 14,11.14). Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás dessas palavras!

5. O Evangelho, em que resplandece gloriosa a cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria. Apenas alguns exemplos: “Alegra-te” é a saudação do anjo a Maria (cf. Lc 1,28). A visita de Maria a Isabel faz com que João salte de alegria no ventre de sua mãe (cf. Lc 1,41). No seu cântico, Maria proclama: “Meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador” (Lc 1,47). E, quando Jesus começa o seu ministério, João exclama: “Esta é a minha alegria, e ela ficou completa” (Jo 3,29). O próprio Jesus “exultou no Espírito Santo” (Lc 10,21). A sua mensagem é fonte de alegria: “Eu vos disse isso, para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: “Ficareis tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria” (Jo 16,20). E insiste: “Mas eu vos verei novamente, e o vosso coração se alegrará, e ninguém poderá tirar a vossa alegria” (Jo 16,22). Depois, ao verem-no ressuscitado, “se alegraram” (Jo 20,20). O livro dos Atos dos Apóstolos conta que, na comunidade primitiva, “tomavam a refeição com alegria” (2,46). Por onde passaram os discípulos, “era grande a alegria” (8,8); e eles,

no meio da perseguição, “ficaram cheios de alegria” (13,52). Um eunuco, recém-batizado, “prosseguiu sua viagem, cheio de alegria” (8,39); e o carcereiro e “a casa toda fizeram festa porque passaram a crer em Deus” (16,34). Por que não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?

6. Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa. Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanece pelo menos um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados. Compreendo as pessoas que se vergam à tristeza por causa das graves dificuldades que têm de suportar, mas, aos poucos, é preciso permitir que a alegria da fé comece a despertar, como uma secreta, mas firme confiança, mesmo no meio das piores angústias: “Fugiu a paz, longe do meu espírito, felicidade acabou. [...] Gravei tudo isso em minha mente, aí está minha esperança. Há bondade no Senhor, sem fim, misericórdia que não acaba! Hoje e sempre está se renovando, sua grande fidelidade. [...] Importante é aguardar em silêncio o socorro do Senhor” (Lm 3,17.21-23.26).

7. A tentação apresenta-se, frequentemente, sob forma de desculpas e queixas, como se tivesse de haver inúmeras condições para ser possível a alegria. Habitualmente, isso acontece porque “a sociedade técnica teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazer; no entanto, ela encontra dificuldades grandes no engendrar também a alegria”.² Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar. Recordo também a alegria genuína daqueles que, mesmo no meio de grandes compromissos profissionais, souberam conservar um coração crente, generoso e simples. De várias maneiras, essas alegrias bebem na fonte do amor maior, que é o de Deus, a nós manifestado em Jesus Cristo. Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que

² *Ibidem.*, n. 8: o. c., n. 292.

nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.³

8. Somente graças a esse encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?

II. A doce e reconfortante alegria de evangelizar

9. O bem tende sempre a se comunicar. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem se radica e se desenvolve. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem. Assim, não nos deveriam surpreender frases de São Paulo como estas: “O amor de Cristo nos impele” (2Cor 5,14); “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16).

10. A proposta é viver em um nível superior, mas não com menor intensidade: “Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”.⁴ Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não

³ Carta encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005), n. 1: AAS 98 (2006), 217.

⁴ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (29 de junho de 2007), n. 360.

faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: “Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: ‘A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros’. Isso é, definitivamente, a missão”.⁵ Consequentemente, um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral. Recuperemos e aumentemos o fervor de espírito, “a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! [...] E que o mundo do nosso tempo, que procura ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa-Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo”.⁶

Uma eterna novidade

11. Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. Ele torna os seus fiéis sempre novos; ainda que sejam idosos, “renovam suas forças, criam asas como águia, correm e não se afadigam, andam, andam e nunca se cansam” (Is 40,31). Cristo é “Evangelho eterno” (Ap 14,6), sendo “o mesmo, ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), mas a sua riqueza e a sua beleza são inesgotáveis. Ele é sempre jovem, e fonte de constante novidade. A Igreja não cessa de se maravilhar com a “profundidade de riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus” (Rm 11,33). São João da Cruz dizia: “Esta espessura de sabedoria e ciência de Deus é tão profunda e imensa, que, por mais que a alma saiba dela, sempre pode penetrá-la mais profundamente”.⁷ Ou ainda,

⁵ *Idem*, 360.

⁶ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), n. 80: AAS 68 (1976), 75.

⁷ *Cântico espiritual*, 36, 10.

como afirmava Santo Ireneu: “Na sua vinda, [Cristo] trouxe consigo toda a novidade”.⁸ Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravessasse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes e palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”.

12. Embora essa missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo, o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. Jesus é “o primeiro e o maior evangelizador”.⁹ Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis nos chamar para cooperar com Ele e nos impelir com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras. Em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, “porque Ele nos amou primeiro” (1Jo 4,19) e é “aquele que faz crescer” (1Cor 3,7). Essa convicção nos permite manter a alegria no meio de uma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo nos dá tudo.

13. E também não deveremos entender a novidade dessa missão como um desenraizamento, como um esquecimento da história viva que nos acolhe e impele para diante. A memória é uma dimensão da nossa fé, que, por analogia com a memória de Israel, poderíamos chamar “deuteronômica”.

⁸ *Adversus Haereses*, IV, 34, 1: PG 7, 1083: “*Omnem novitatem attulit, semetipsum afferens*”.

⁹ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), n. 7: AAS 68 (1976), 9.

Jesus nos deixa a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa (cf. Lc 22,19). A alegria evangelizadora refulge sempre sobre o horizonte da memória agradecida: é uma graça que precisamos pedir. Os apóstolos nunca mais esqueceram o momento em que Jesus lhes tocou o coração: “Era por volta das quatro horas da tarde” (Jo 1,39). A memória nos faz presente, juntamente com Jesus, uma verdadeira “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1). Dentre elas, distinguem-se algumas pessoas que incidiram de maneira especial para fazer germinar a nossa alegria crente: “Lembra-vos de vossos dirigentes, que vos pregaram a palavra de Deus” (Hb 13,7). Às vezes, trata-se de pessoas simples e próximas de nós, que nos iniciaram na vida da fé: “Recordo-me também da fé sincera que há em ti, fé que habitou, primeiro, em tua avó Loide e em tua mãe Eunice” (2Tm 1,5). O crente é, fundamentalmente, “uma pessoa que faz memória”.

III. A nova evangelização para a transmissão da fé

14. À escuta do Espírito, que nos ajuda a reconhecer comunitariamente os sinais dos tempos, celebrou-se de 7 a 28 de outubro de 2012 a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o tema: *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*. Lá, foi recordado que a nova evangelização interpela a todos, realizando-se, fundamentalmente, em três âmbitos.¹⁰ Em primeiro lugar, mencionamos o âmbito da *pastoral ordinária*, “animada pelo fogo do Espírito, a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, reunindo-se no dia do Senhor, para se alimentarem da sua Palavra e do Pão de vida eterna”.¹¹ Devem ser incluídos também nesse âmbito os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-a de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto. Essa pastoral está orientada para o crescimento dos crentes, a fim

¹⁰ Cf. *Propositio*, 7.

¹¹ BENTO XVI, *Homilia durante a Missa conclusiva da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos* (28 de outubro de 2012): AAS 104 (2012), 890.

de corresponderem cada vez melhor e com toda a sua vida ao amor de Deus. Em segundo lugar, lembramos o âmbito das “*peças batizadas que, porém, não vivem as exigências do batismo*”,¹² não sentem uma pertença cordial à Igreja e já não experimentam a consolação da fé. Mãe sempre solícita, a Igreja esforça-se para que elas vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho.

Por fim, frisamos que a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho *àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram*. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”.¹³

15. João Paulo II nos convidou a reconhecer que “não se pode perder a tensão para o anúncio” *àqueles que estão longe de Cristo, “porque esta é a tarefa primária da Igreja”*.¹⁴ A atividade missionária “ainda hoje representa o *máximo desafio* para a Igreja”¹⁵ e “a causa missionária *deve ser [...] a primeira* de todas as causas”.¹⁶ Que sucederia se tomássemos realmente a sério essas palavras? Simplesmente, reconheceríamos que a ação missionária é o *paradigma de toda a obra da Igreja*. Nessa linha, os bispos latino-americanos afirmaram que “não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em

¹² *Ibidem*.

¹³ BENTO XVI, *Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe* (Santuário de Aparecida – Brasil, 13 de maio de 2007): AAS 99 (2007), 437.

¹⁴ Carta encíclica *Redemptoris Missio* (7 de dezembro de 1990), n. 34: AAS 83 (1991), 280.

¹⁵ *Ibidem*, n. 40: o. c., 287.

¹⁶ *Ibidem*, n. 86: o. c., 333.

nossos templos”,¹⁷ sendo necessário passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”.¹⁸ Essa tarefa continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja: “Haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão” (Lc 15,7).

A proposta desta exortação e seus contornos

16. Com prazer, aceitei o convite dos padres sinodais para redigir esta exortação.¹⁹ Para isso, recolho a riqueza dos trabalhos do Sínodo; consultei também várias pessoas e pretendo, além disso, exprimir as preocupações que me movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja. Os temas relacionados com a evangelização no mundo atual, que poderiam se desenvolver aqui, são inumeráveis. Mas renunciei a tratar, detalhadamente, essa multiplicidade de questões que devem ser objeto de estudo e aprofundamento cuidadoso. Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo. Não convém que o papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Nesse sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar “descentralização”.

17. Aqui, escolhi propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo. Nesse quadro e com base na doutrina da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, decidi, entre outros temas, deter-me amplamente sobre as seguintes questões:

- a) A reforma da Igreja “em saída” missionária.
- b) As tentações dos agentes pastorais.

¹⁷ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, *Documento de Aparecida* (29 de junho de 2007), n. 548.

¹⁸ *Ibidem*, n. 370.

¹⁹ Cf. *Propositio*, 1.

- c) A Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza.
- d) A homilia e a sua preparação.
- e) A inclusão social dos pobres.
- f) A paz e o diálogo social.
- g) As motivações espirituais para o compromisso missionário.

18. Demorei-me nesses temas, desenvolvendo-os de um modo que talvez possa parecer excessivo. Mas não o fiz com a intenção de oferecer um tratado, mas só para mostrar a relevante incidência prática desses assuntos na missão atual da Igreja. De fato, todos eles ajudam a delinear um preciso estilo evangelizador, que convido a assumir *em qualquer atividade que se realize*. E, dessa forma, podemos assumir, no meio do nosso trabalho diário, esta exortação da Palavra de Deus: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos!” (Fl 4,4).

CAPÍTULO I

A transformação missionária da Igreja

19. A evangelização obedece ao mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28, 19-20). Nesses versículos, aparece o momento em que o Ressuscitado envia os seus a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, para que a fé nele se estenda a todos os cantos da terra.

I. Uma Igreja “em saída”

20. Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12,1-3). Moisés ouviu o chamado de Deus: “E agora, vai! Eu te envio” (Ex 3,10) e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3,17). Para Jeremias disse: “A quantos eu te enviar, irás” (Jr 1,7). Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.

21. A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na

os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria (cf. Lc 10,17). Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque a sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos (cf. Lc 10,21). Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem em Pentecostes, “pois cada um ouvia [...] em sua própria língua” (At 2,6) a pregação dos apóstolos. Essa alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está frutificando. Mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além. O Senhor diz: “Vamos a outros lugares, nas aldeias da redondeza, a fim de que, lá também, eu proclame a Boa-Nova. Pois foi para isso que eu saí” (Mc 1,38). Ele, depois de lançar a semente em um lugar, não se demora lá a explicar melhor ou a cumprir novos sinais, mas o Espírito leva-o a partir para outras aldeias.

22. A Palavra possui, em si mesma, tal potencialidade que não podemos prevê-la. O Evangelho fala da semente que, uma vez lançada à terra, cresce por si mesma, inclusive quando o agricultor dorme (cf. Mc 4,26-29). A Igreja deve aceitar esta liberdade incontável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que, muitas vezes, nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas.

23. A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”.²⁰ Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: “Não tenhais medo! Eu vos anuncio uma grande alegria, que será também a de *tudo o povo*” (Lc 2,10). O Apocalipse fala de “uma mensagem a anunciar aos habitantes da terra, a *toda nação, tribo, língua e povo*” (Ap 14,6).

²⁰ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988), n. 32: AAS 81 (1989), 451.